

Écrire le monde noir: a produção intelectual de Paulette Nardal no período entreguerras

Ricardo Silva Ramos de Souza*

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 28 jan. 2025

Aprovado em: 20 set. 2025

Publicado em: 21 nov. 2025

Avaliado internamente pela Equipe Editorial.

Resumo

Resenha de: NARDAL, Paulette. *Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939*. Sète: Rôt-Bò-Krik, 2024. 356 p.

Palavras-chave: Resenha. Paulette Nardal. Intelectuais negras. Negritude. Diáspora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Doutorando em Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Relações Etnicorraciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca; graduado em Letras pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: risoatellie@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5895-6046>

 <http://lattes.cnpq.br/0957236705724364>

Com enorme expectativa tanto para quem pesquisa intelectuais negras diaspóricas quanto para o público mais amplo, foi lançado o livro *Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939*, reunindo os textos da martinicana Paulette Nardal no período entreguerras. Organizado por Brent Hayes Edwards e Ève Gianoncelli, editado pela francesa Rôt-Bò-Krik em 2024, a publicação apresenta textos dispersos em arquivos e bibliotecas da França, dos Estados Unidos e das Antilhas. A obra contém uma introdução feita por Edwards e Gianoncelli com levantamento biográfico, abordagem crítica e contextualização histórica do período vivenciado por Paulette Nardal no seu período em Paris e notas explicativas de grande relevância. Os organizadores ainda elaboraram uma nota de edição a respeito das escolhas feitas para atualização dos textos, dos erros tipográficos constantes nos originais, do desenvolvimento de estilo de escrita da autora e do uso de expressões em inglês ou em crioulo martinicano em seus textos.

Esta resenha tem por objetivo destacar dois eixos principais do livro: a trajetória intelectual de Paulette Nardal, com aspectos biográficos fundamentais, e a organização de seus escritos em dois períodos distintos, que permitem compreender a evolução de seu pensamento.

Écrire le monde noir traz 53 textos de Paulette e anexa mais três de Jane Nardal, sua irmã. O projeto desta publicação disponibiliza, no site da editora, outros documentos para a compreensão do que viria a ser o movimento Négritude em Paris, revelando os protagonismos dessas duas intelectuais, como cartas endereçadas a Alain Locke, um dos principais nomes da Harlem Renaissance e organizador da antologia *The New Negro*, de 1925, e ao pan-africanista Marcus Garvey, assim como o texto sobre a Martinica para o *Guide des colonies françaises: Martinique, Guadeloupe, Guyane, St. Pierre-Miquelon* [1931]. Os organizadores acertam ao oferecer textos posteriores ao período de Paulette Nardal na capital francesa, como o relatório "*Féminisme Colonial: action sociale et politique*" e as correspondências ao biógrafo de Léopold Sédar Senghor, Jacques Hymans, quando a intelectual martinicana reclama, na década de 1960, do silêncio dos "pais" do Négritude – Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Léon-Gontran Damas – em relação às suas ações e às de suas irmãs.

Félix Jeanne Paule Nardal (1896-1985) foi a primeira de sete irmãs de uma família da elite negra da Martinica. Foi escritora, tradutora, editora e professora de inglês, título obtido na Universidade de Sorbonne. Com suas irmãs Jane e Andrée Nardal, criou um salão literário frequentado por intelectuais e artistas negros, voltado ao pluralismo racial e de gênero (Sharpley-Whiting, 2002), onde atuou como "intermediária cultural", proporcionando o encontro nesse "*cercle d'amis*" de antilhanos, africanos, partícipes da Harlem Renaissance e do pan-africanismo (Edwards; Gianoncelli, 2024, p. 7-8). Passou a viver em Paris em 1920, chegando como uma mulher assimilada, mas seu envolvimento com organizações negras despertou, assim como em sua irmã Jane Nardal (1900-1993), a atenção para as intersecções de gênero, raça, classe e exílio que atingiam as mulheres negras antilhanas.

Em 1928, incentivada por sua irmã, estreou na imprensa ao colaborar para o jornal reformista *La Dépêche Africaine*, depois para o tradicional *Le Soir* e foi coeditora, ensaísta e

tradutora de poetas da Harlem Renaissance em *La Revue du Monde Noir/Review of the Black World*, jornal francês-inglês. Escreveu em *Je suis partout*, publicação de extrema-direita; divulgou suas ideias em *Le Cris de Nègres*, ligado ao movimento negro em Paris; no senegalês *Le Périscope Africain*; e em impressos católicos, casos de *La Revue de l'Aucam* e *Univers: bulletin catholique international*. Destaca-se, ainda, a participação em *L'Étudiant Noir*, considerado o marco inicial do movimento Négritude, ao lado dos jovens Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Nardal foi vítima de ataque de um submarino alemão a sua embarcação em 1939, deixando sequelas ao longo da vida.

Écrire le monde noir segue a ordem cronológica dos textos de Nardal, possibilitando ao público leitor acompanhar a evolução do pensamento interseccional da autora e sua relação com as temáticas que seriam essenciais para o Négritude. Constata-se, assim, a presença de dois períodos em sua escrita: o primeiro, de 1928 a 1932, quando colaborou em *La Dépêche Africaine* e *Le Soir*, e coeditaria *La Revue du Monde Noir*, sua maior contribuição em seu período parisiense. Esse período pode ser compreendido como uma fase de aprendizagem e amadurecimento com os gêneros textuais possíveis em um jornal. Em *La Dépêche Africaine*, preocupou-se em expor as contribuições culturais negras, abordando teatro, dança, artes visuais e música; discutiu problemas oriundos de ciclones que causaram estragos na Martinica e em Guadalupe; além de investir no gênero conto, como em “En Exil”, que trata do drama do exílio vivenciado por uma idosa, mulher negra da Martinica, em Paris. Já em *Le Soir*, explorou diferentes formas de expressão, como na série “*Actualités coloniales*”, cujo subtítulo “*Livres, revues, articles de presse*” lhe deu liberdade para tratar de críticas culturais, políticas e à imprensa e das tensões nas colônias francesas e na África. Em seus artigos, buscou quebrar os estereótipos da mulher negra antilhana divulgados pela ideologia colonial francesa, como na série “*L'Antillaise*”. Nesse jornal, fortaleceu o internacionalismo negro elaborado por Jane Nardal, a solidariedade racial e entre as mulheres, e sua consciência de gênero e raça. Finalizando esse período, destacam-se os dois textos de *La Revue du Monde Noir*, de apenas seis edições publicadas entre 1931 e 1932.

Nesse jornal, o seu ensaio de maior repercussão, “*Éveil de la conscience de race*”, compara, a partir da literatura negra norte-americana, o desenvolvimento da consciência racial dos negros nos Estados Unidos no enfrentamento à violenta segregação racial, as ações do mundo negro como o pan-africanismo de Marcus Garvey, a cena favorável parisiense desde o sucesso do livro *Batouala*, de René Maran, e a incipiente, porém pulsante, imprensa negra em Paris, que estimularia o surgimento de seu próprio jornal. A autora distingue, ainda, a relevância das mulheres para o despertar de consciência para a questão racial, posicionando, assim, o gênero feminino como basilar para o futuro movimento Négritude (Nardal, 2024, p. 203-211).

O segundo e derradeiro período, de 1935 a 1939, traz as suas colaborações em outros periódicos: desde a presença como única mulher em *L'Étudiant Noir*, quando publicou o conto “Guignol ouolof”, em que trata das diferentes percepções e de agência de um homem negro e de uma mulher negra em Paris, mostrando as tensões envolvendo raça, exílio, gênero e

classe, até publicações de interesse colonial e católicas como *Le Monde colonial illustré e Univers: bulletin catholique colonial*. Naquela, tratou de problemas sociais e econômicos das Antilhas em "*La situation économique et sociale aux Antilles*", enquanto nesta traçou um panorama das mulheres negras em seu lugar de origem, nos Estados Unidos e colônias africanas em "*L'évolution familiale et sociale des femmes noires*", respectivamente.

A década de 1930 viu a ascensão do nazismo na Alemanha e de regimes totalitários em vários países da Europa e no restante do mundo. Ela dedica um ensaio, "*Pas de colonies à l'Allemagne hitlérienne!*", mostrando o seu repúdio ao regime alemão e às suas teorias racistas:

Se a colonização é de fato, como foi definida, "um esforço dos conquistadores para elevar os povos colonizados ao nível da sua civilização considerada superior", será possível que confiemos os destinos das populações africanas a uma nação cujas teorias racistas representam uma certa volta à barbárie primitiva das hordas germânicas? (Nardal, 2024, p. 254, grifos no original).¹

O excerto mostra uma tática discursiva de Nardal ao contestar indiretamente o projeto colonial.

A radicalização dessa década oferece um momento especial para a intelectual martinicana: o ano de 1935 marca a invasão italiana ao território da Etiópia, o único país africano que até então não havia sido colonizado. Nardal tornou-se protagonista no meio negro francófono ao mobilizar organizações negras e não negras, bem como incentivou a criação de associações de apoio à Etiópia. Com o auxílio de organizações católicas, ela ainda viajaria até a Bélgica para denunciar o ato do regime fascista de Benito Mussolini e publicaria artigos em *La Revue de l'Aucam*. A mobilização de organizações negras na África e em sua diáspora fez com que Nardal vivenciasse, de fato, o mundo negro, denunciando o racismo, mas exaltando a solidariedade, o afeto e o desejo antiguerra de negras e negros no mundo, como apresentado em "*Les races de couleur devant le conflit italo-éthiopien*", com os boicotes a produtos italianos realizados por negras e negros nos Estados Unidos. Divulga, ainda, comitês de ajuda ao país africano em cidades como Paris, Nova York e Londres, mensagens de repúdio à agressão italiana vindas do Egito, do Iêmen e da Turquia, e a oferta da Croix-Noire para liberar soldados e enfermeiras (Nardal, 2024, p. 292). Para a intelectual martinicana, essa mobilização negra em prol da Etiópia seria:

O elemento fundamental desta consciência de solidariedade racial é, por um lado, a reação contra o sentimento de inferioridade que queríamos incutir no

1 Tradução nossa. No original: "Si la colonisation est bien, ainsi qu'on l'a définie, "un effort des conquérants pour élever les peuples colonisés au niveau de leur civilisation jugée supérieure", est-il possible que l'on confie les destinées de populations africaines à une nation dont les théories racistes représentent un retour certain à la barbarie primitive des hordes germaniques?"

Negro, e, por outro lado, o seu primitivo sentido de justiça.

Os negros veem, com ou sem razão, neste antigo império a justificativa deste sentimento muito natural que é o orgulho (e não a arrogância) da raça da qual foram afastados durante tanto tempo (Nardal, 2024, p. 258-259).²

Do sentimento de solidariedade racial à fidelidade ao império colonial francês. Em um de seus últimos textos, "*Voeu des femmes noires*", integrando "*La France unanime pour l'intégrité absolue de l'Empire*", no jornal *La Chronique coloniale: organe de l'Institut colonial français* em 1938, ela exalta o império e se pronuncia em nome das mulheres da África negra, suas irmãs ("*mes soeurs*"), pela permanência da integridade do território francês no além-mar e para que não perdessem os valores espirituais e culturais trazidos pela civilização francesa diante da possibilidade de um ataque alemão. Em nenhum momento, justifica o uso da violência, mas reforça a procura por soluções baseadas na paz e na justiça (Nardal, 2024, p. 347-348).

Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939 insere-se no contexto recente de celebrações para as intelectuais Paulette Nardal e Jane Nardal, esta em menor escala. Os diferentes estilos de texto experimentados pela pensadora martinicana coadunam-se com uma trajetória diversa e de atividades várias durante seus anos parisienses, atuando como jornalista, escritora, editora, tradutora e secretária de parlamentar; frequentando organizações religiosas, sindicatos de trabalhadores, associações negras e fortalecendo-se em redes feministas, negras ou não. De mulher assimilada ao despertar de uma consciência crítica ao conhecer as artes negras e artistas e intelectuais africanos e da Harlem Renaissance, Paulette Nardal protagonizou momentos decisivos para a formação do Négritude, valorizando o gênero feminino e buscando romper as ideias preconceituosas e discriminatórias sobre as mulheres negras e as colônias francesas. Além disso, obteve o seu maior destaque na denúncia e mobilização para a defesa da Etiópia contra a invasão italiana, demonstrando todo o seu poder de articulação ao transitar em grupos diversos. Tais características não isentam a autora de contradições e posicionamentos questionáveis, como a ausência de crítica à Exposição Colonial, o seu alinhamento à política colonial francesa e a colaboração no jornal de extrema-direita *Je suis partout*, a qual seria, segundo os organizadores, motivada mais por questões financeiras do que ideológicas (Hayes; Gianoncelli, 2024, p. 27).

Entretanto, seguindo a celeridade do cotidiano registrado em jornais, os ensaios de Paulette Nardal e de Jane Nardal são repletos de citações a lugares, personalidades, eventos culturais e contextos políticos e históricos importantes para o debate sobre o colonialismo, além de registrar as tensões do entreguerras e aspectos culturais, políticos e sociais do Caribe.

2 Tradução nossa. No original: "L'élément raisonné de cette prise de conscience de la solidarité de race est, d'une part, la réaction contre le sentiment de son infériorité que l'on a voulu inculquer au Noir, et d'autre part son sens primitif de la justice. // Les Noirs voient, à tort ou à raison, dans cet empire millénaire la justification de ce sentiment si naturel qu'est la fierté (et non l'orgueil) de race dont ils ont été si longtemps sevrés".

Por toda essa riqueza de informações, os organizadores e a editora equivocaram-se ao não acrescentar notas explicativas aos textos, notas que, por outro lado, estão fartamente presentes na introdução de Hayes e Gianoncelli. Apesar dessa ausência, *Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939* é um livro obrigatório, pois preenche uma lacuna dos primórdios do Négritude, do feminismo na França, do feminismo negro-francófono e da luta das mulheres negras para se posicionar como intelectuais em um mundo dominado pelo racismo, colonialismo, autoritarismo, patriarcado e sexismo. Um livro que faz justiça à memória e ao pensamento interseccional de Paulette Nardal, quase cem anos depois.

Referências

EDWARDS, Brent Hayes; GIANONCELLI, Éve. Introduction. Aux sources de la Négritude: les débuts journalistiques et littéraires de Paulette Nardal. In: NARDAL, Paulette. *Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939*. Textes réunis et présentés par Brent Hayes Edwards et Ève Gianoncelli. Sète: Rôt-Bò-Krik, 2024.

NARDAL, Paulette. *Écrire le monde noir: Premiers textes, 1928-1939*. Textes réunis et présentés par Brent Hayes Edwards et Ève Gianoncelli. Sète: Rôt-Bò-Krik, 2024.

SHARPLEY-WHITING, T. Denean. *Négritude Women*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.